



## DESCOBERTAS FEMININAS SOBRE *SCRIPTS* DE GÊNERO: O PROCESSO DE MONTAÇÃO EM SER / SE FAZER *DRAG QUEEN*

Cristiano Eduardo da Rosa<sup>1</sup>  
Jane Felipe de Souza<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho visa investigar a configuração do cenário de mulheres que se montam de *drag queens* e, com isso, questionam os próprios *scripts* de gênero, subvertendo a sua expressão de ser / se fazer mulher. Para isso, analisamos o reality show “Drag Me As a Queen – Uma Diva Dentro de Mim!”, em que três *drags* brasileiras transformam mulheres comuns em “divas” por meio da montagem exagerada do sujeito feminino, a fim de estabelecer um resgate de sua autoestima e promover o seu “empoderamento”. Tomam-se os Estudos de Gênero, os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais como suportes teóricos para a elaboração de um estudo que adentra em um meio envolvido de arte e libertação e, ao mesmo tempo, *scripts* de gênero rígidos e preconceitos. As participantes do programa foram entrevistadas para melhor compreendermos como foi o processo de montagem por meio do reality e o que essa participação mudou e significou em suas vidas. A pesquisa revela que o ato de se montar de *drag queen* fez com que as mulheres se (re)descobrissem como pessoas possuidoras de vontades e que suas vozes precisam ser ouvidas e respeitadas.

**Palavras-chave:** *Drag queen*. Feminilidade. Mulher. *Scripts* de gênero.

### Iniciando a montagem em 3, 2, 1...

O programa “Drag Me As a Queen – Uma Diva Dentro de Mim!” foi a produção nacional de maior audiência do canal E! Entertainment Television em 2017. Antes mesmo de sua estreia em 20 de novembro, o reality já estava com sua segunda temporada confirmada pela emissora – o programa foi também dublado em espanhol e, desde 9 de abril de 2018, começou a ser transmitido para toda a América Latina.


A fim de investigar a construção de sujeitos *drag queens* mulheres, opera-se neste trabalho com o referido reality show, que conta com três apresentadoras *drags* brasileiras que conhecem mulheres com problemas de autoestima e as transformam em “divas” por meio da montagem *drag*.

Neste estudo, analisamos a segunda parte da primeira temporada do reality, exibida entre março e abril de 2018, com sete episódios, no intuito de verificar a constituição da *drag*

<sup>1</sup> Mestrando em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cristiano1105@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora titular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, janefelipe.souza@gmail.com.





*queen* mulher por meio dos três aspectos que o programa trabalha com as participantes: o figurino, a performance e a maquiagem.

### **Conhecendo as *drags* e as *queens***

A segunda parte da primeira temporada do programa, exibida sempre nas segundas-feiras às 22h, entre os dias 5 de março e 16 de abril de 2018, deu continuidade aos seis primeiros episódios já transmitidos entre novembro de dezembro de 2017. As três *drags* à frente do reality “Drag Me As a Queen” eram Ikaro Kadoshi, Penelopy Jean e Rita Von Hunty, cada uma com suas habilidades singulares e trajetórias de carreiras.

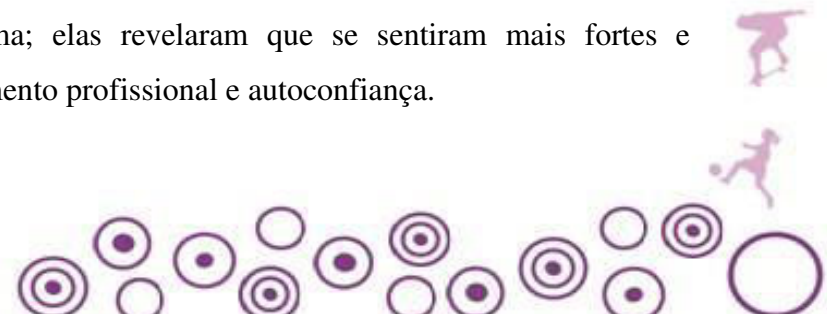
Sobre as sete participantes dos episódios analisados, elas tinham entre 22 e 35 anos de idade e trabalhavam em variadas profissões no mercado de trabalho. A vontade de participar do programa, segundo relato delas mesmas, foi principalmente motivada pelo desejo de resgatar uma feminilidade que se perdeu ao longo do tempo ou foi silenciada por acontecimentos da rotina contemporânea.


As mulheres que participaram dessa etapa da primeira temporada foram Carolline Almeida, 22 anos, cantora de samba; Daniela Stamcapiano, 33 anos, figurinista; Flávia Miranda, 33 anos, representante de vendas; Rosana Perigo, 31 anos, veterinária; Dory de Oliveira, 31 anos, cantora de rap; Erika de Paula, 34 anos, psicóloga e sexóloga; e Miriã Bueno, 26 anos, bancária.

### ***After the show*: entrevista com as participantes**

No objetivo de conhecer como foi a experiência de transformação *drag* das participantes e quais foram as suas principais aprendizagens e possíveis mudanças significativas em suas vidas após o programa, foram realizados contatos pela rede social Facebook com as sete mulheres que participaram da segunda parte da primeira temporada do programa. Elas foram convidadas a responder a quatro perguntas para este estudo, sendo que destas, cinco retornaram e participaram da pesquisa – Flávia, Rosana, Dory, Érika e Miriã.

A primeira questão era sobre qual foi a principal aprendizagem que elas adquiriram ao se montarem de *drag queen* no programa; as respostas revelaram que as participantes se redescobriram como mulheres, aprendendo a ter mais iniciativa e a quebrar suas barreiras. A segunda pergunta questionava sobre se elas tiveram alguma mudança significativa nas suas vidas após a participação no programa; elas revelaram que se sentiram mais fortes e empoderadas, tiveram maior reconhecimento profissional e autoconfiança.





Como terceira pergunta, questionou-se se elas se montaram de *drag* alguma vez após a gravação do programa em fevereiro de 2017; algumas disseram que sim, outras que não. E por último foi perguntado o que significa para elas ser uma diva; as repostas mostraram que para elas todas as mulheres são divas, e que este “estado de espírito” está diretamente ligado a um empoderamento relacionado com independência e liberdade.

### **A construção feminina da feminilidade (redundância?)**

Realizar a manifestação artística que é a *drag queen*, para muitos, é se vestir de mulher de maneira que exagera o que é convencional para o gênero feminino, em questão de cabelo, maquiagem, roupas e trejeitos. A origem da arte nos remete aos teatros antigos na época em que as mulheres não podiam interpretar no palco, então homens se travestiam e atuavam representando o gênero oposto.

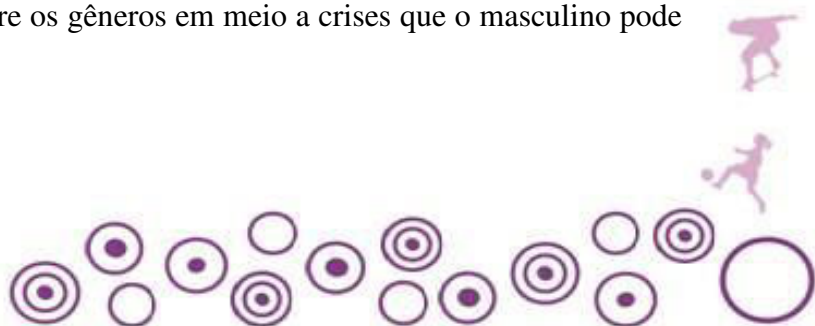
Com o tempo essa montagem foi ganhando espaço e conquistando tanto adeptos quanto fãs. Butler (2017) e Louro (2016) destacam que a drag é como uma paródia de gênero, questionando uma suposta essência feminina. Mais recentemente, uma nova cena *drag* tem chamado a atenção no mundo todo, em que *drag queens* são montadas pelas próprias mulheres, que estabelecem uma espécie de subversão dos *scripts* de gênero.


De acordo com Guizzo e Felipe (2017, p. 220), esses *scripts* podem ser compreendidos como roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos

Quando os scripts são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores, neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento, trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo escrever seus próprios scripts.

O programa “Drag Me As a Queen” opera com uma noção de feminilidade fixa e entendida como natural, ligada com os cuidados estéticos do corpo e a atitude como uma pessoa certa de si, que com a rotina contemporânea da mulher tende a ser minimizada, principalmente com fatores ligados ao machismo perpetuado pela sociedade.

Como Arán (2006) salienta, ao comentar sobre as mudanças ocorridas na área da sexualidade, onde o dualismo sobre o homem estava mais ligado ao público e a mulher mais ao privado não mais se sustenta, pois os deslocamentos do feminino constituem um novo paradigma para se pensar a diferença entre os gêneros em meio a crises que o masculino pode viver.





A utilização da peruca com cabelos de outro comprimento e outra cor, da maquiagem que dá um destaque diferencial nas sobrancelhas e na boca, da roupa que acaba tirando da zona de conforto e ousando um pouco, e da performance no palco de uma música em frente a uma plateia de família e amigos, resultam nas participantes variadas emoções e sentimentos.

Nesse sentido, pode-se observar uma percepção de sua realidade que pode e deve ser transformada para melhor até a decisão de libertação para serem quem realmente são ou quem quiserem ser, sem se preocupar com os possíveis olhares que desaprovam as mulheres que apresentam mais atitude.

Transformadas em *drag queens*, as participantes do reality se olham no espelho ao final do processo e se veem e se percebem como sujeitos únicos e especiais, com suas características femininas singulares valorizadas e, assim, motivam-se a encarar antigos e novos desafios cotidianos e a própria vida de maneira mais intensa, soltando-se de amarras sociais que tendem a estabelecer normas e padrões acerca de como devem ser e agir em suas atividades pessoais e profissionais.

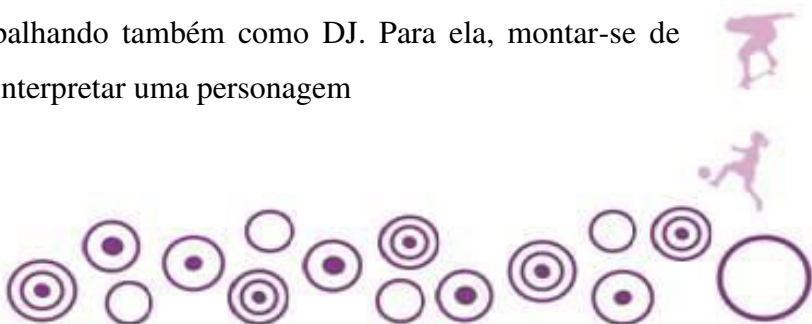
### **Monta, desmonta, remonta mulher**


Pode-se pensar na mulher como um sujeito que já pratica a arte da montagem, mesmo sem isso ter a ver com *drag queen*. Desde que nasce, por ser do sexo biológico feminino, ela recebe a responsabilidade de corresponder a algumas expectativas das instituições em que participa na sociedade e, para isso, é ensinada desde criança ao que tange a sua aparência, o seu comportamento e a sua vestimenta, entre outros.

A questão de mulheres se montarem de *drag queens* tem se tornado polêmica entre os próprios fãs da arte. Em março de 2018 o apresentador e criador do reality show estadunidense “RuPaul’s Drag Race”, uma competição de *drags*, RuPaul Charles, declarou em uma entrevista que talvez não permitiria uma mulher cis ou trans para participar da disputa no seu programa. Ele alegou que

A drag perde a sensação de perigo e seu senso de ironia, uma vez que não são homens, porque no seu núcleo é uma declaração social e uma grande cultura dominada pelos homens. Então, para que os homens o façam, é realmente um punk rock, porque é uma rejeição real da masculinidade (DECCA, 2018).

Uma das participantes, a bancária Miriã Bueno, de 26 anos, após a passagem pelo programa, seguiu se montando de *drag* e hoje encara essa arte como parte de uma profissão, apresentando-se em boates e festas, trabalhando também como DJ. Para ela, montar-se de Morana Evermore significa mais do que interpretar uma personagem





Montada, sinto-me ousada. A mais bonita do mundo. E isso acabou influenciando também quem eu sou sem o figurino. Aumentou minha confiança. Se antes eu só sonhava, hoje eu acredito e vou atrás. E quero que isso inspire cada vez mais pessoas (BERTHO, 2017).

Desde o final de 2017, um projeto chamado “DragTherapy.org” objetiva pesquisar, experimentar e promover o uso da arte *drag* para fins terapêuticos. De acordo com o site<sup>3</sup>

O projeto busca desenvolver *drag*atividades acessíveis que não requerem muito tempo nem dinheiro, para provocar pessoas a imaginarem e refletir sobre como a arte *drag* lhes ajuda e/ou poderia ajudá-los a atingir o que quiserem - até mesmo identificar o quê que é que querem. Destina-se tanto para pessoas que já se montaram, se montam ou que pensem em ser montar - independente de gênero e sexualidade. Acreditamos que qualquer pessoa tirará algo interessante por participar.

Tal curso se divide em três encontros, cada um com seu foco distinto: inspiração, aplicação e montagem. A metodologia aplicada nesse projeto se assemelha com a proposta do “Drag Me As a Queen”, na crença de uma potência transformadora por meio da arte *drag*. No reality, são cinco etapas que compõem a proposta de mudança, começando com a iniciação, com a eleição do nome de *drag*; depois a montagem, com a escolha do figurino; então a ferveção, com o ensaio da performance; após o carão, com a aplicação da maquiagem e arrumação do cabelo; e a lacração, com a visualização no espelho da transformação em diva.

A (re)construção de uma feminilidade está diretamente atrelada a uma transformação do sujeito atual em um mais “empoderado”, no sentido de situar um “poder” de escolha, uma independência e um autoconhecimento, que vem a fortalecer o amor-próprio e elevar a autoestima. Assim, também podemos pensar a feminilidade e caracterizar aquele que se monta de *drag queen* como uma

figura positiva de um sujeito que não parte de uma identidade estável e autossuficiente, um sujeito que expõe a própria vida, que põe em questão as normas dominantes que impossibilitam ou dificultam o reconhecimento de identidades e desejos não normativos, ao tempo que persegue desfazer o próprio eu, decompondo e subvertendo o sexismo e o heterossexismo que o habitam em alguma medida, inclusive sem terem sido atitudes decididamente eleitas. (DÍAZ, 2013, p. 462-463)

Em março de 2017 foi lançado um documentário chamado “They can do it” que aborda o preconceito contra mulheres *drag queens* em São Paulo. O filme é baseado na história do coletivo Riot Queens, fundado por dez mulheres em 2016, que tem o objetivo de fortalecer, apoiar e dar dicas para toda mulher que quer ser *drag*<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://dragtherapy.org>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5QJaUHj5xrA>>. Acesso em: 22 mai. 2018.





## Performando considerações finais

A transformação feminina que o reality show propõe vai na contramão do tipo de mudança convencional nesse tipo de programa, em que as regras de beleza são marcadas pela tendência da moda, definidas como certas ou erradas, adequadas ou inadequadas. Percebe-se que a proposta maior do “Drag Me As a Queen – Uma Diva Dentro de Mim!” é trabalhar em uma transformação nas participantes de dentro para fora.

Ao se montarem de *drag queens* no programa, as participantes vivenciam uma feminilidade exagerada e, nesse exagero, percebem como a feminilidade é, ao mesmo tempo, fixa e flexível – dependendo do seu contexto – uma vez que, pelo programa, ser feminina está atrelado com o ser “diva” e tem relação direta com a condição de “ter força na peruca, arrasar no carão e quebrar o salto”.

Compreende-se que as mulheres *drag queens* se sentem muito empoderadas, pois o fato de elas próprias subverterem uma cultura de gênero massiva e opressora que as incluíram desde antes do nascimento, faz com que o ato de se montar tenha relevância, considerando o cenário de lutas enfrentado pelas minorias – como a população LGBT – ou mesmo pelas maiorias minorizadas – as próprias mulheres.

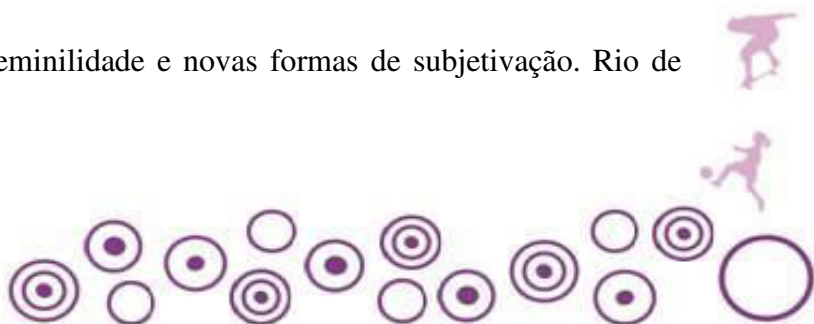
Afinal de contas, o lugar de fala é delas, e as mulheres que se montam e se apresentam de *drag*, via de regra, misturam ativismo com feminismo, dando assim mais visibilidade às questões de gênero e sexualidade, abrindo espaço para diálogos sobre os temas.

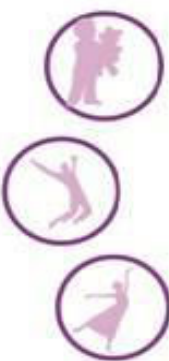
Sendo assim, compreendendo a *drag queen* como uma forma de expressão e contrapondo a ideia equivocada de que a maioria das pessoas tem em relação à *drag* - de que ser *drag* é imitar uma mulher -, pode-se observar uma interessante contradição, quando este segmento tenta proibir que uma *drag* mulher se apresente. Importante ressaltar que a *drag* subverte a questão do feminino e do masculino, chegando a ser contraditório *drags* homens irem contra *drags* mulheres pela agenda que as *drags* atuam na luta pela equidade de gênero.

## Referências

AITKENHEAD, Decca. **RuPaul**: ‘Drag is a big f-you to male-dominated culture’. The Guardian, 3 de março de 2018. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/tv-and-radio/2018/mar/03/rupaul-drag-race-big-f-you-to-male-dominated-culture>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

ARÁN, Márcia. **O avesso do avesso**: feminilidade e novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.





BERTHO, Helena. "Drag mulher é tabu": depois de reality, ela virou drag queen profissional. **UOL**, 20 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/11/20/drag-mulher-e-tabu-depois-de-reality-ela-virou-drag-queen-profissional.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2018.

BERTHO, Helena. Mulher Drag Queen. **UOL**, 25 de março de 2018. Disponível em: <<http://universa.uol.com.br/especiais/mulher-e-drag-queen>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 31. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2017. (Sujeito e História)

DÍAZ, Elvira Burgos. Desconstrução e subversão: Judith Butler. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p.441-464, 1. sem. 2013.

GARCIA, Giulia. Por que as mulheres se interessam pela cena drag? **Revista Trip**, 30 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/as-mulheres-no-universo-drag-queen-lady-queens-produtoras-de-festas-e-artistas>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Rompendo com os scripts de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Org.). **Educação em um mundo em tensão**: insurgências, transgressões, sujeições. Canoas/RS: Editora da Ulbra, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

